



FORA DA CAIXA • SAMY DANA

# ME ENGANA QUE EU GOSTO

Diante de uma decisão de compra, costumamos calcular nossos gastos usando uma contabilidade mental. Como demonstra Richard Thaler, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 2017, criamos uma espécie de livro-caixa na nossa mente, de forma a tentar manter as despesas sob controle.

Gastos com supermercado, roupas, jantares em restaurantes ou *shows* são colocados, um a um, em uma determinada conta mental, monitorada a cada compra, para que não falte dinheiro. É algo benéfico. Nosso cérebro garante, assim, que possamos cobrir todas as despesas programadas sem ceder a recompensas de curto prazo, como pedir um *delivery* de comida chinesa só porque deu vontade.

Em uma situação ideal, a contabilidade mental deveria servir para o controle rígido das despesas. Mas esses cálculos muitas vezes nos enganam e nos fazem perder dinheiro.

Uma das razões é que nossa contabilidade mental é um processo impreciso e ambíguo, como aponta um estudo de Amar Cheema, da Universidade de Washington, e Dilip Soman, da Universidade de Toronto. Usando a criatividade, damos um jeito de burlar as regras que nós mesmos criamos. É aí que está o perigo.

Uma compra sem destino claro, que eles chamam de “despesa ambígua”, é mais provável de ocorrer do que uma não ambígua, ligada a uma conta mental específica.

Uma pessoa pode, por exemplo, decidir jantar em um restaurante mais caro com os amigos. Se fosse lançar os gastos unicamente na rubrica de comida, causaria um rombo. Então, ela decide dividir os gastos entre as despesas com comida e as com diversão. Tirando das duas fontes, dá para pagar a conta com menos culpa. No entanto, esse artifício faz com que falte dinheiro depois para outras necessidades.

Também podemos simplesmente ser flexíveis, como no caso, citado no estudo, do escritor Mark Twain, um dos principais nomes da literatura americana, que, limitado a fumar um charuto por dia, passou a fumar charutos mais longos. Os charutos foram ficando mais e mais compridos até o dia em que, nas palavras do próprio autor, “podiam ser usados como muletas”.

A malandragem para continuar desfrutando por mais tempo de um charuto, a princípio, não rompeu a regra: ele continuou fumando um charuto por dia.

Mas Mark Twain não estava consumindo a mesma quantidade de tabaco do que alguém que fuma um charuto normal. O que o escritor fez foi encontrar uma brecha na contabilidade mental para fumar mais charutos e, mesmo assim, dizer para si mesmo que foi um só.

Assim também trapaceamos nossas finanças quando buscamos nos convencer de que estamos mantendo uma contabilidade quando gastamos demais. Uma pessoa se sentirá menos culpada por gastar R\$ 25 mil em uma viagem de um mês pela Europa ao se lembrar

de que o valor é quase o mesmo que economizou ao não pagar R\$ 200 mensais na TV por assinatura nos últimos 10 anos. Para aliviar a ansiedade de uma viagem cara, um grande gasto não feito já serve de justificativa. Se queremos muito comprar algo, podemos simplesmente inventar uma categoria nova para a despesa.

Mas, apontam os pesquisadores, é mais provável que a contabilidade criativa só ocorra em despesas com um sentido mais ambíguo — pense em tudo que caberia em uma coluna chamada “gastos com diversão”. Quanto mais o dinheiro tiver um destino específico, como ir ao cinema, menos maleáveis ficamos para negociar as regras.

A CONTABILIDADE  
MENTAL DEVERIA SERVIR  
PARA O CONTROLE  
RÍGIDO DAS DESPESAS,  
MAS, COM FREQUÊNCIA,  
BURLAMOS AS REGRAS  
PARA GASTAR ALÉM DO  
QUE DEVERÍAMOS.